

Resumo: a autora narra a análise de Anna que apresentava conduta anti-social consequente a uma psicose confusional. Sua história revelava uma relação inicial desfavorável para o desenvolvimento de uma mente simbólica e um ambiente familiar onde as funções parentais resultavam patogênicas.

Na época a autora privilegiou teorizar sua clínica a partir da compreensão dada por Winnicott.

Palavras-chave: comportamento antissocial, psicose confusional, alucinação, delírio, masturbação anal, claustrum.

Abstract: The author relates Anna's analysis which indicated antisocial behaviour following a confusional psychosis. Her story presented an initial relation adverse to the development of a symbolic mind and a familiar ambience where parental functions showed pathogenic. At the time the author chose to theorize her practice starting from Winnicott's comprehension.

Keywords: Antisocial Behaviour, Confusional Psychosis, Hallucination; Delirium, Anal Masturbation, Claustrom.

Resumen: La autora narra el análisis de Anna quien presenta conducta antissocial como consecuencia de una psicosis confusional. Su historia revela una relación inicial desfavorable para el desenvolvimiento de una mente simbólica y un ambiente familiar donde las funciones parentales resultaban patogênicas. En esa época la autora privilegió teorizar su clínica a partir de la comprensión dada por Winnicott.

Palabras-clave: Comportamiento antissocial, psicosis confusional, alucinación, delirio, masturbación anal, claustrum.

Relato da análise de Miro 15 anos

INÍCIO - Maio 1979.

Miro - iniciou análise aos 15 anos - quatro vezes por semana. Está no terceiro ano de análise neste momento em que escrevo este material.

Este resumo está baseado principalmente nos relatos que ele foi fazendo durante a análise.

Quando ia chamá-lo na sala de espera, encontrava sua mãe que, como um visto de entrada, permitia que ele me seguisse. Ele então, sem ter feito qualquer contato comigo, levantava-se de golpe e ia andando atrás de mim pelo corredor com passos de robot rápidos até chegar à nossa sala.

Sentava-se enquanto eu fechava a porta e quando eu já estava sentada, me olhava e então me cumprimentava com um "Oi, como vai?".

A conversa dele girava entorno da escola, dos rituais (assim ele os denominou), de suas crenças, dos pensamentos e de como esses se intensificavam quando ele começava a estudar. Contava sobre as coisas que ele via e que provocavam os "pensamentos" que o levavam a fazer os rituais.

Os "pensamentos" eram que a mãe ou os pais tivessem um acidente. Eram, para ele, uma premonição. Para impedir que acidentes acontecessem devia fazer os rituais. Os primeiros rituais que ele me contou foram os que tinham a finalidade de converter a morte da mãe na morte da avó paterna e a morte da avó paterna na morte dele. Enquanto não "se via" morto, ele não podia parar o ritual e só então ele se aliviava. Comentou que os pais não sabiam "dos pensamentos", apesar presenciarem os "rituais": tiques - movimentos faciais com os olhos, com a boca, com a cabeça e pescoço; tirar e pôr a camisa várias vezes, entrar e sair várias vezes de uma sala, abrir e fechar a porta várias vezes até, que, finalmente pudesse abri-la ou fechá-la. A intensificação da frequência dos rituais trazia consequências: atrasar-se para os compromissos, não poder estudar etc. Quando estava sozinho sentia-se mais à vontade para manifestar os rituais; quando em presença dos outros, tentava controlá-los ou usar variantes menos aparentes.

Tomar banho era tarefa muito complicada, em geral executada antes de dormir, entre meia-noite e duas horas da manhã. Ir dormir também exigia "uma preparação" para ele poder descansar. Em geral isto ocorria após todos da casa já estarem recolhidos em seus quartos e dormindo.

Olhar para o quadro da avó paterna na sala, fazia "lembrar" a morte da mãe, e então Miro fazia os rituais. Se olhasse para as roupas da mãe guardadas no armário, surgiam os pensamentos e daí os rituais. Se uma perua Kombi azul de enterro passasse, lembrava-se de morte, surgiam os pensamentos e daí os rituais. O mesmo acontecia se passasse em frente a um cemitério ou se olhasse para velas.

Num segundo tempo ele fala de outras sensações: na classe, não pode olhar para um colega muito pretencioso, de quem ele não gosta, senão "perde coisas boas e fica ruim como o colega".

Também tem a sensação que possam lhe roubar boas qualidades e ele ficar bobo, sem inteligência. Às vezes tem a sensação de que não pode, por exemplo, "esbarrar" andando num corredor e entrando por uma porta, pois pode perder "massa" e precisa então voltar para tocar no lugar onde esbarrou e pegar de volta a "massa".

Ele tem também sensações de que, em suas palavras, "vai se diluir". Por exemplo: não pode estudar todas as matérias, mas consegue ser bom aluno em algumas, como física e matemática e detesta biologia, história e geografia. Se tenta estudar estas matérias para passar de ano, a sensação é de "ficar diluído", daí, segundo suas palavras, "não ser bom em nenhuma matéria". Ele chegou mesmo a repetir o segundo colegial quando estava no primeiro ano de análise. Miro encontra muitos impedimentos ao executar as tarefas escolares, tanto em casa como, principalmente, durante provas, pois, por exemplo, escrever nas pautas da folha ou ver o sinal + (mais) o impeli aos pensamentos e rituais.

Ele conta as dificuldades com a escola e o desejo de superar isto e de "ser alguém" ao conseguir cursar uma Faculdade. Ele se dedica a estudar praticamente o dia todo mas seu rendimento é muito baixo. Conta que joga xadrez mais ou menos bem e pode ganhar do pai, mas tem medo de competir e perder. Atualmente, quando sabe que ele é o melhor, o medo de perder o impede de continuar jogando.

A relação com o pai é difícil, quase não fala com ele, logo se irrita com o pai que se acha "o melhor", aquele que sempre tem razão. O pai às vezes maltrata a mãe fazendo-a de empregada e ri dele.

A irmã é pretenciosa, diz ele, porque entrou na Faculdade em primeiro lugar. Ele acha que a mãe a protege.

Da mãe fala pouco no início da análise. O aspecto dominante da relação dele com ela é a ansiedade de separação.

Quando a mãe vai ao Banco, ele tem que ir junto para tomar conta. A ameaça de que haja um acidente, e de que a mãe morra, é constante.

Quando ele me conta sobre seus medos, seus fracassos na escola, sua incapacidade de satisfazer as expectativas maternas, como a irmã, penso em quanto é desvalida sua autoimagem. Ele me fala também de outra autoimagem poderosa, mágica, quando imagina poder converter a morte em vida... Conta que, quando era mais novo, imaginava que era de outro planeta e que estava na terra para salvá-la. Tudo, então, estava sob seu controle. Nessa época ele já tinha dificuldade de estudar. A mãe fazia as lições com ele diariamente e constantemente o castigava por causa das tarefas escolares.

Miro dizia que quando fosse grande, iria matar o pai porque ele o chamava de covarde e batia nele. Dizia também que na época em que ele se demorava no banheiro tomando banho, os pais se preocupavam, e passaram a desligar a eletricidade para obrigá-lo a sair do banheiro. Miro ficava com muito ódio disso.

A hostilidade mais consciente é em relação ao pai, o pai é o "vilão". Diz que a mãe, às vezes, também acha o pai bruto e que a família do pai maltratou muito a mãe. É por essa razão que ele tem raiva da avó paterna e das tias. Com isso ele mostra estar do lado da mãe contra o pai e sua família!

Às vezes a mãe cisma que a avó paterna faça macumbas e ele tem medo que a mãe morra por algum "serviço" que a avó paterna venha a fazer.

Enquanto o filho está em sessão comigo é impressionante ver o comportamento da mãe no consultório, escrevendo bilhetes, fazendo despachos e "serviços" dirigidos a alguém para que morra.

Relatei que no início a conversa dele girava em torno dos rituais, pensamento sobre a morte da mãe e preocupações com a escola; mas a "minha conversa" era sobre as ansiedades que eu percebia em seu encontro comigo, o "cuidado" em estar comigo como que para evitar "acidentes", choques, e de como estava sendo difícil para ele aquela "situação de análise".

As minhas intervenções eram questionadas por ele, argumentando-as racionalmente, tentando provar que eu estava errada.

Ele não reconhecia sua capacidade de fantasiar. Miro a colocava no lugar de realidade e assim precisava tomar medidas reais de proteção. As revelações que eu lhe fazia sobre suas reações emocionais na relação comigo eram questionadas como broncas, como críticas. Queria então

